

KOWARICK, LÚCIO.
ESCRITOS URBANOS. SÃO PAULO: ED. 34, 2000, 144 P.

Nelson Rodrigo **PEDON***

O livro *Escritos Urbanos*, do sociólogo Lúcio Kowarick, reúne as principais idéias formuladas pelo autor ao longo de suas reflexões acerca do fenômeno urbano. Dando destaque para as contradições que imperam no interior das cidades latino-americanas, em especial a cidade de São Paulo, Kowarick dá uma grande contribuição teórica para aqueles que buscam entender a problemática urbana em suas mais diferentes dimensões. Problemas gerados pelo mercado imobiliário, depredação ambiental, inexistência de infra-estrutura, violência, transportes deficientes e a questão dos movimentos sociais compõem em suas análises.

Enfatizando a realidade urbana brasileira a partir de 1970, período marcado pela atuação de movimentos sociais no cenário político brasileiro, Kowarick propõe, já no livro *Espoliação Urbana*, de 1979, uma leitura de abordagem marxista, na medida em que insiste sobre o papel da acumulação capitalista, do Estado e dos meios de consumo. A idéia de espoliação, que resulta duma somatória de extorsões, indo além da mera exploração do trabalho, serviu de suporte para o trabalho de muitos autores nacionais e latino-americanos.

Em *Escritos Urbanos*, Kowarick repensa a noção original de espoliação urbana e revê a interpretação corrente dada aos movimentos sociais no Brasil. Nesse percurso intelectual, o autor parte de uma crítica ao determinismo macroestrutural que se instala nos trabalhos de cunho marxista do início dos anos 80.

A idéia central contida neste livro e defendida pelo autor é a de que as situações de extrema pobreza e exclusão não levam, necessariamente, às lutas pela terra, habitação ou bens de consumo coletivo, porque os movimentos sociais urbanos se manifestam de maneira diversa, possuindo, sobretudo, trajetórias extremamente díspares. Diante dessa afirmação, "*as condições estruturais objetivas constituem, na melhor das hipóteses, apenas um grande*

* Aluno do Programa de Pós-Graduação da FCT/UNESP de Presidente Prudente/SP. E-mail: pedon_nelson@yahoo.com.br

pano e fundo” (p. 9). O autor enfatiza que “entre as contradições imperantes e as lutas propriamente ditas há todo um processo de produção de experiências que não está, de antemão, tecido na teia das determinações estruturais” (p.09).

Nos sete capítulos que constituem esta coletânea de textos, o autor retoma a noção de espoliação urbana, rediscute o tema da cidadania, das lutas urbanas e suas conexões com os conflitos fabris. Problemas como habitação, metropolização, subdesenvolvimento, são rediscutidos no âmbito da sociologia urbana. Desta forma, o autor busca condensar temas novos com temas já tradicionais que compõem em sua trajetória intelectual.

No capítulo *Produção do espaço urbano e lutas sociais*, o autor soma ao conceito de *contradições urbanas*, fundado nos trabalhos de Manuel Castells, o conceito de *experiência*, trabalhado por E. P. Thompson. Tendo a metrópole paulistana como foco de suas investidas, Kowarick retoma a noção de espoliação urbana. Esta é entendida como “a somatória de extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta dele” (p. 22).

O autor reafirma a relação da espoliação urbana com a acumulação do capital e ao grau de pauperismo dela resultante, contudo mesmo quando “os graus de pauperização são mantidos inalterados, rebaixados ou minorados, os padrões de reprodução urbana poderão piorar ou melhorar em razão do que os moradores consigam obter do poder público em termos de serviços e equipamentos coletivos, subsídios à habitação ou facilidades de acesso à terra provida de infra-estrutura. Esses processos variam de acordo com conjunturas políticas e podem ou não estar associados à conquistas conseguidas na esfera das relações de trabalho (movimentos operários e sindicais)” (p. 23).

Assim, a espoliação urbana decorre do processo de acumulação do capital, mas também da dinâmica das lutas e reivindicações populares, o Estado toma a forma de interlocutor entre as classes e não um de mero “braço armado da burguesia”, como diria Lênin.

Neste capítulo, Kowarick discute o problema da autoconstrução, por ser uma fórmula que exclui nos custos da habitação o valor da força de trabalho,

constitui vigorosa fonte para manter os salários permanentes deprimidos, à medida que barateia os custos de reprodução, nos seus dizeres: "*Fórmula só paradoxal na aparência, pois ao mesmo tempo exclui os trabalhadores do mercado formal de moradias e os obriga a construí-las... Além disso, serve como uma espécie de passaporte de boa conduta, contrapondo a condição de proprietário, aquele que venceu na vida, aos indivíduos que vivem na promiscuidade dos cortiços e favelas*"(p.30). Desta feita, Kowarick valoriza a dimensão simbólica da casa própria.

No capítulo 2, *As desventuras da cidadania*, o autor discute a questão da cidadania num contexto de "urbanização caótica". As considerações feitas no decorrer deste capítulo dizem respeito a um processo político que produz uma concepção de ordem estreita e excludente, segundo a qual um ordenamento jurídico-institucional que desconhece a realidade socioeconômica da maioria, nega o acesso a benefícios básicos para a vida nas cidades levando a uma condição de subcidadania urbana. Soma-se a essa discussão temas como a criminalização da pobreza e a segregação como forma de controle social.

No capítulo 3, *Lutas urbanas e movimentos populares*, Kowarick faz uma importante explanação acerca do papel do Estado. Para o autor, se "*o Estado favorece por intermédio de seus investimentos a acumulação do capital, que visa maximizar a extração do excedente, bem como, na trama concreta da luta pelos benefícios socioeconômicos, acaba por favorecer as camadas mais abastadas, as camadas trabalhadoras não permanecem totalmente excluídas de melhorias em relação aos bens de consumo coletivo. De um lado, porque a força de trabalho precisa se reproduzir para o capital, o que supõe o acesso, mesmo que precário e residual, a certos serviços que são criados pelos vários escalões do governo (...). Por outro lado, o Estado precisa aparecer como 'agente ecumênico', que zela pelo interesse de todos*"(p.86-7). Desta forma, Kowarick acredita que existe uma relativa autonomia do político, o que comporta um amplo espaço de ação, que permite operar ideologicamente, já que as melhorias urbanas têm se tornado fecundo campo que possibilita manter e, eventualmente, ampliar a legitimidade de uma dominação que pouco concede nas esferas essenciais do processo econômico.

No capítulo 4, *Os caminhos do encontro*, Kowarick focaliza as lutas sociais urbanas que ocorreram durante a década de 70 e chega a importantes resultados do ponto de vista teórico-metodológico. O autor ressalta a falácia interpretativa que lê os conflitos populares segundo uma concepção que lhes

atribui, *a priori*, determinadas metas históricas a serem atingidas. Atribuindo uma potencialidade transformadora que seria, por definição, inerente às lutas que se desenvolvem em nossas cidades, o que o autor chama de visão genético-finalista.

“A falácia desse esquema reside no fato de o fluxo e refluxo das lutas sociais, ao ganharem sinais negativos e positivos em função do papel que deveriam desempenhar com vistas a um horizonte de redenção pré-configurada, adquirirem um colorido interpretativo eminentemente voluntarista e dicotômico: o Estado passa a ser encarado como agente perverso do drama social, enquanto o movimento social é tido como homogêneo na sua composição e finalidade, em busca de uma autonomia organizatória e reivindicativa sempre incompleta ou simplesmente negada pela dinâmica concreta dos acontecimentos”(p. 72).

Kowarick defende que é a partir de uma análise por dentro dos movimentos que se deve entender seus fluxos e refluxos, sua capacidade de inversão e articulação com outras forças sociais, em face de acontecimentos que se desenrolam no caminhar da luta, cujos resultados não estão, de antemão, estipulados por categorias analíticas que amarram os diversos agentes a uma trama histórica previamente estabelecida. O autor afirma a necessidade de se realizar uma leitura dos movimentos sociais de modo a resgatar os movimentos anteriores à eclosão visível dos conflitos, recuperando uma experiência que não pode ser lida apenas por meio dos aparatos institucionais. Afirma, ainda, que falta esforço teórico e de pesquisa para se obter instrumentos conceituais adequados, que dêem conta da problemática referente à ligação entre **exploração do trabalho e espoliação urbana**, que só por razões de facilidade analítica podem ser abordadas de maneira adequada. Ou seja, deve-se romper com a separação que usualmente se faz entre esferas da produção e reprodução da força de trabalho.

*“Se as lutas caminham paralelamente, existem estuários conjunturais onde elas desembocam, e o entendimento desse encontro requer um mergulho sobre a diversidade de movimentos que ocorrem tanto nas fábricas como nos bairros, a fim de captar aquilo que estou denominando **momentos de fusão dos conflitos e reivindicações**”* (p. 78). Fusão não significa unidade, mas, ao contrário, diversidade que temporariamente apresenta elementos aglutinadores em torno de um opositor comum. Não é mera somatória, pois o encontro gera algo de novo, pois redefine relações sociais.

Kowarick tenta reconstituir as lutas sociais à luz da teoria dos conflitos de classe, de forma a constituir uma perspectiva teórica e metodológica que facilite perceber o quanto de conflito de classe existe no sentido e significado das lutas cotidianas.

No capítulo 5, *Cidadão privado e subcidadão*, o autor busca alargar a noção de exclusão social e econômica afirmando que ela não é apenas material objetiva, pois a análise dos processos de subordinação-insubordinação deve privilegiar a forma como os sujeitos vivem uma determinada realidade, que só é compreendida se observada em sua magnitude valorativa e simbólica. Kowarick faz menção à idéia de experiência na acepção de E. P. Thompson para afirmar que a reprodução da força de trabalho não se esgota no equacionamento da funcionalidade da exploração capitalista.

A idéia de *cidadão privado* aparece junto às considerações que Kowarick tece a respeito da casa própria e suas implicações simbólicas. A casa própria é vista como “*resguardo contra os desrespeitos, medos e violências que caracterizam a vida nas ruas*” (p. 94), assim, a casa própria passa a constituir refúgio de características eminentemente defensivas em *metrópoles do subdesenvolvimento industrializado*, como as metrópoles latino-americanas.

A idéia de cidadão privado, nos dizeres do autor, é um “*contrasenso na medida que cidadania conquistada coletivamente, impulsionada por uma concepção de universalidade cujo fundamento é o direito de ter direitos: cidadania faz apelo à condição de coisa pública. Ao contrário, privado significa particular ou restrito, que diz respeito a poucos e que alude ao isolado e oculto, como tem o sentido de perda ou privação. Em ambas as acepções o termo constitui a inversão dos princípios de extensão da cidadania. O espaço público de nossas cidades – a rua – é o espaço da violência, enquanto o espaço privado – a casa – constitui um abrigo de segurança*” (p. 94).

No capítulo 6, *Fatias de nossa história recente*, o autor retoma de forma geral as idéias apresentadas nos capítulos anteriores. Lançando mão de acontecimentos ocorridos nas últimas duas décadas para corroborar suas idéias, Kowarick critica as análises que prevaleceram nesse período, nas quais os movimentos populares, por causa do caráter crescentemente espoliativo de nossas cidades, estariam destinados a desenvolver lutas de qualidade sempre superior.

Kowarick afirma ser analiticamente importante revalorizar a questão da “*subjetividade social*” na acepção da produção simbólica realizada

pelos atores coletivos que vivenciam, interpretam e confeccionam discursos com seus sinais positivos e negativos sobre uma determinada situação concreta.

No sétimo e último capítulo, *Investigação urbana e sociedade: comentários sobre nuestra América*, o autor trata das mudanças nos modelos interpretativos, passando dos estudos da estrutura sem sujeitos para as análises adversas a qualquer tipo de determinismo. Partindo da idéia de que não há um corpo teórico definido que trate da questão urbana e que, portanto, são múltiplas as disciplinas que investigam tal questão, nosso autor afirma que, na década de 1980, ocorreu uma “*reviravolta tanto nos objetos de investigação como nos focos teóricos e mercadológicos (...), passou-se das análises centradas no Estado, de cunho macroestrutural, apoiadas no instrumental marxista, para microdinâmicas da sociedade civil*” (p. 123).

Escritos Urbanos representa uma verdadeira síntese das idéias desse pensador que tem a questão urbana como objeto principal de suas investidas teóricas. Neste livro, Lúcio Kowarick dá uma importante contribuição para aqueles interessados em olharem os atores sociais afastando-os dos deducionismos das condições objetivas.